



BOLETIM INFORMATIVO

MAIO / JUNHO 2007

EDITORIAL

TESTE DE FOGO

A um de Julho, entra-se no chamado “período crítico” no que respeita à possibilidade da ocorrência de incêndios florestais.

Depois da tragédia com os grandes incêndios ocorridos em 2003 e 2005; “abençoando” entre tanto as chuvas fora de época de 2006; é agora chegado o Verão de 2007 em que são elevados os riscos de incêndios florestais. Ora, então aí teremos o “teste de fogo” às políticas do Governo nesta matéria, já com um ano transcorrido sobre as principais medidas lançadas em 2006.

Na opinião da CNA, desde logo manifestada aquando da discussão pública do “Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndios” e da “Estratégia Nacional para as Florestas”, não tiveram a resposta merecida, por parte do MADRP e do Governo, questões de fundo como sejam:

– A aposta numa floresta de uso múltiplo, não industrial;

– A necessidade de inverter a tendência de desertificação do Mundo Rural;

– O indispensável “Cadastro Florestal” que tarda em ser elaborado;

– A falta de investimento público (significativo) na prevenção de incêndios, no correcto ordenamento florestal e na reflorestação.

Contraditoriamente, o Governo optou:

– Pela via legislativa com forte pendor coercivo;

– Pela “reestruturação” dos serviços do Estado ou, melhor dito, pela efectiva desresponsabilização

do Estado através da extinção e concentração de vários serviços públicos do Ministério da Agricultura e do Governo em geral;

– Pela aposta (...) no combate (meios aéreos) aos incêndios;

– Pela especialização florestal do território, a suportar pelo PDR, Programa de Desenvolvimento Rural, 2007 – 2013, e por outros instrumentos da política oficial que apontam para a concentração de estímulos institucionais na floresta industrial intensiva, dita “de produção”, o que levará ao avolumar da monocultura do eucalipto e mesmo do pinhal em grandes manchas contínuas.

Por outro lado, medidas como aquela que extinguiu a figura do Guarda Florestal e integrou estes funcionários públicos do MADRP no SEPNA – Serviços da Protecção da Natureza e do Ambiente e que, hoje, parecem andar um pouco ao abandono dentro da GNR à qual o SEPNA agora está afecto; como o desleixo institucional pelas áreas protegidas; são outras tantas questões que deixam à CNA poucas esperanças em que algo significativo tenha mudado para melhor e comparativamente com a “desgraça” anterior...

Resta-nos agradecer a S. Pedro pelas chuvadas de Primavera e Verão, mas sem deixar de reclamar, ao Governo, outras e melhores políticas agro-florestais.

O Executivo da Direcção Nacional da CNA

DESTAQUES

- Associadas da CNA do Entre-Douro e Minho reúnem em Plenário
- Comunicado do MADRP sobre Candidaturas “PDR” confirma posição crítica da CNA sobre o assunto

CADERNO TÉCNICO

- Os Muros Apiários em Casa Branca
- “Estórias” da Apicultura, para rir e sorrir

Dossier Técnico no âmbito da Medida 10 do Programa Agro

ASSOCIADAS DA CNA DO ENTRE-DOURO E MINHO REUNEM EM PLENÁRIO

As Associadas da CNA, ADADB – Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga, a ADEFM – Associação de Defesa da Floresta do Minho e a APL – Associação de Produtores de Leite, realizaram, no passado dia 29 de Maio, em Braga, um Plenário seguido de desfile até ao Governo Civil.

O plenário que contou com algumas dezenas de agricultores, aprovou um documento com várias reclamações, entre elas o fim das descidas de preço dos produtos agrícolas no Agricultor, ajudas que compensem a subida dos factores de produção, nomeadamente o aumento do subsídio ao gasóleo agrícola e a reposição da ajuda à “electricidade verde”, a diminuição das prestações para a segurança social, o fim dos atrasos no pagamento das dívidas do Ministério aos Agricultores e às Organizações Agrícolas, entre outros.

Este documento foi entregue posteriormente ao Governador Civil de Braga, ficando a promessa de manifestações de protesto por parte dos Agricultores, se nada for alterado.



DEPOIS DO TROVÃO É ESPERADA A SOLUÇÃO!

A FAGRORURAL manifestou-se no final do mês de Maio, contra as declarações proferidas pelo Sr. Ministro da Agricultura e pelo Director da Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte - DRAP-N, que indiciam que não irá haver qualquer compensação monetária aos agricultores afectados pela intempérie que se abateu sobre a Freguesia de Jou.

Esta estrutura associativa, contesta as afirmações, de que não faz sentido avançar com qualquer compensação monetária, porque os seguros são fortemente subsidiados pelo Estado e de que seria injusto para com aqueles agricultores que fizeram seguros agrícolas.

A FAGRORURAL afirma, que o modelo de seguros agrícolas em vigor está desadequado à tipologia das explorações familiares e que os seguros agrícolas apenas tem satisfeito os interesses das empresas seguradoras, acrescentando, que dos 46 milhões de euros/ano de bonificações do governo e prémio dos agricultores, as seguradoras, em media, têm apenas pago 26 milhões de euros/ano, arrecadando assim, a módica quantia de 20 milhões de euros.

Finalmente, a FAGRORURAL, mais uma vez reclama, um verdadeiro Seguro de pendor social, susceptível de garantir um rendimento mínimo à agricultura familiar, um seguro à exploração Agro-pecuária e Florestal e que abranja todo tipo de calamidades e que a constituição do chamado Fundo de Calamidade seja tripartido – Estado, Agricultores e Empresas Seguradoras.



Federação das Associações
Agro-Florestais Transmontanas

Comunicado do MADRP sobre Candidaturas “PDR” confirma posição crítica da CNA sobre o assunto

Confirma o que a CNA já antes afirmara sobre o assunto, o comunicado divulgado a 16 de Maio, no “Site” do MADRP, a propósito das novas candidaturas no âmbito do PDR, Programa de Desenvolvimento Rural, 2007-2013.

O que o MADRP diz, é para os Agricultores se candidatarem às Indemnizações Compensatórias-IC's e às Medidas Agro-Ambientais-MAA, assumindo compromissos, inclusivamente para investimentos nas suas explorações, sem qualquer garantia para já.

De facto, só quando o PDR, Programa de Desenvolvimento Rural, estiver aprovado pela Comissão Europeia, se saberá se estas Candidaturas são elegíveis ou não...

O MADRP e o Governo Português atrasaram-se bastante na preparação do PDR.

Neste momento, e mesmo não havendo ainda informações quanto à data provável de aprovação do PDR por Bruxelas e quanto às condições concretas em que o vai ser, o MADRP vem agora dizer que os Agricultores podem fazer opções de investimento e de modos de produção, nas suas Explorações, sem que, todavia, sejam conhecidas as regras para o efeito...

Ora, isto coloca os Agricultores que assim se candidatam em risco pois as respectivas candidaturas podem não ser aprovadas mais à frente o que significará grandes prejuízos e outros transtornos para esses Agricultores.

Com esta tentativa, o que o Governo pretende é influenciar a opinião pública no sentido de que as ajudas do PDR estiveram disponíveis para os Agricultores desde o início de 2007, quando tal não corresponde à verdade.

Trata-se, ainda, de tentar remediar o que já não tem remédio e que, na prática, se materializa no desaproveitamento do primeiro ano possível – 2007 – para se obter as ajudas do PDR para a Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Também, conforme a CNA já tinha afirmado, de facto não haverá ajudas às Medidas Agro-Ambientais-MAA, relativas à campanha de 2006 -2007. O que o MADRP ainda poderá fazer, é apenas um adiantamento relativo às novas MAA's, mas já de 2008. Ou seja, somente poderá haver a antecipação do pagamento das candidaturas da próxima campanha 2007/08.

Assim, completam-se três anos sem MAA's, já que também em 2005 e 2006 o Governo cancelou todas as novas candidaturas a estas Ajudas.

Por outro lado, confirma-se a intenção de discriminar negativamente os projectos de investimento inferior a 25.000 €, os quais só terão acesso a juros bonificados, enquanto que, projectos de montante superior a esse, vão ter financiamento com juros bonificados e com ajudas a fundo perdido. Esta situação traduz-se numa grande injustiça pois penaliza os investimentos de menor dimensão mas que têm uma grande importância no contexto da Agricultura Familiar.

Biomassa Agrícola Dedicada

Por José Miguel

Hoje uma das questões que está na ordem do dia é a dos Biocombustíveis.

Na minha opinião, devemos estar contra a promoção da Biomassa de Produção Agrícola Dedicada e estar a favor da utilização da Biomassa de Resíduos Agrícolas e de Resíduos das Indústrias Agrícolas.

Em primeiro lugar, há que esclarecer, que uma coisa é a valorização dos resíduos da produção, seja ela agrícola, animal ou florestal, outra coisa, é dedicar estes sectores para produzirem objectivamente biomassa para a produção de energia.

Por exemplo, o que está previsto para o sector florestal, é o aproveitamento da biomassa florestal residual (para produção de energia) e não outra. Nunca deveríamos estar de acordo, que em Portugal, se estivesse a produzir, de forma dedicada, eucaliptos por exemplo, para alimentar as centrais de biomassa.



Julgo que tem toda a lógica, que nestes três sectores (florestal, agrícola e pecuário) se faça o aproveitamento dos subprodutos, pois muitas vezes, estes, até constituem um problema ambiental.

Um outro aspecto que há que referir, é o facto de Portugal, ser deficitário em quase todos os produtos agrícolas e possuir uma diminuta percentagem de bons solos agrícolas com regadio. Seria pouco compreensível que, com a dependência Agro-alimentar que Portugal tem, fosse ocupar estes solos a produzir culturas dedicadas para a produção de energia.

Podemos lembrar aquilo que foi chamado de Girasidio, na década de 90, quando em Portugal

se deixou de cultivar muitas outras culturas para cultivar girassol, porque havia uma ajuda comunitária elevada para esta cultura. Isto, sem que se olhasse à vocação do terreno e sem que houvesse benefícios para o país, pois muitas vezes, o que acontecia, era o enterramento da cultura após atingir a floração.

Por outro lado, tenho fortes dúvidas nos benefícios ambientais que são proclamados, pois estas culturas, a serem rentáveis, terão de ser produzidas em regime intensivo. Os impactos da própria rega, desde logo pelo consumo energético da mesma, e aos quais irá acrescer a utilização de pesticidas e fertilizantes e os gastos energéticos com a maquinaria utilizada no cultivo, fazem crer, que o balanço será negativo em termos ambientais.

Um outro aspecto e que deverá ser desde logo motivo para recusar este caminho, é que as variedades utilizadas nestas culturas, são quase sempre variedades Geneticamente Modificadas. Não constituindo, neste caso, um perigo significativo para a segurança alimentar, constitui um perigo para a biodiversidade e para o ambiente para além de outras questões que levanta.

Falar também da incoerência de todo este lobby que se levanta agora em torno dos biocombustíveis, hoje, cada vez mais, a produção agro-pecuária está a ser deslocalizada do seu local de consumo. Pouco do que nós comemos no nosso dia a dia é produzido perto de nós, por exemplo, comemos fruta do Chile, comemos carne do Brasil, etc etc. Esta deslocalização da produção agrícola em termos mundiais, tem tido enormes custos energéticos com o transporte de alimentos de uma ponta do mundo para a outra...

O que se está a querer fazer agora, em nome do ambiente, é que substituamos as nossas culturas alimentares por culturas para a produção de energia.

Tal, deve levar-nos à seguinte questão:

E depois... vamos gastar essa energia indo buscar a nossa alimentação lá fora?

Falem-nos de questões económicas, não nos falem de questões ambientais!

Apoiar a agricultura para produzir mais alimentos e sermos mais auto-suficientes – SIM!

Apoiar a substituição das nossas culturas alimentares por culturas para a produção de energia – NÃO!



Os Muros Apiários em Casa Branca

Por Joaquim Pifano

Casa Branca foi uma localidade com marcada tradição apícola em tempos idos. Haviam inclusivamente várias famílias que não vivendo exclusivamente da produção de mel, este seria um dos principais sustentos, senão o principal.

Tinham na ordem dos 200 ou 300 cortiços, que albergavam em pequenos muros apiários. Estes muros localizavam-se em encostas com mato, nomeadamente a Esteva e o Rosmaninho, os mais abundantes.

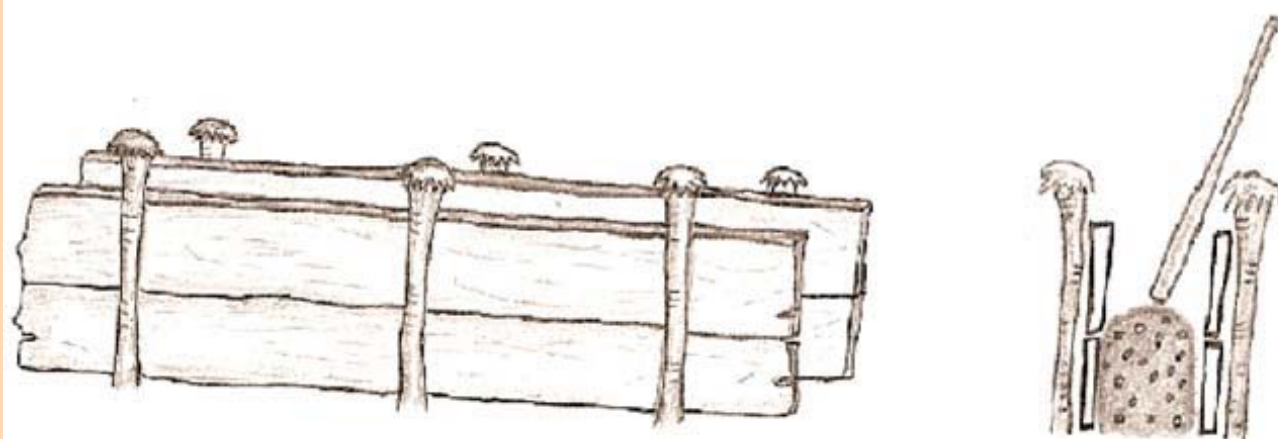
Os apiários encontravam-se sempre perto dos terrenos de cultivo onde as famílias passavam largas temporadas na lavoura e noutras ocupações agrícolas.

Nesses tempos abundavam a caça e os predadores, os cortiços eram muitas vezes pilhados por animais selvagens. Entre os mais citados encontravam-se os Javalis e os Texugos, que pela sua voracidade causavam grandes danos quer na produção de mel, quer nos próprios cortiços que acabavam des-

truídos com estas visitas. Para proteger os apiários destes ataques construía-se pequenas fortificações em taipa que não teriam mais de metro e meio de altura.

Como nem sempre havia disponibilidade de pedras para construções mais sólidas, usava-

A terra era escavada ali mesmo ao lado, era misturada com pequenas pedras para dar estrutura, e com água claro, mas em quantidades mínimas, ao contrário do que possa parecer. Às vezes pouco mais era que hume-

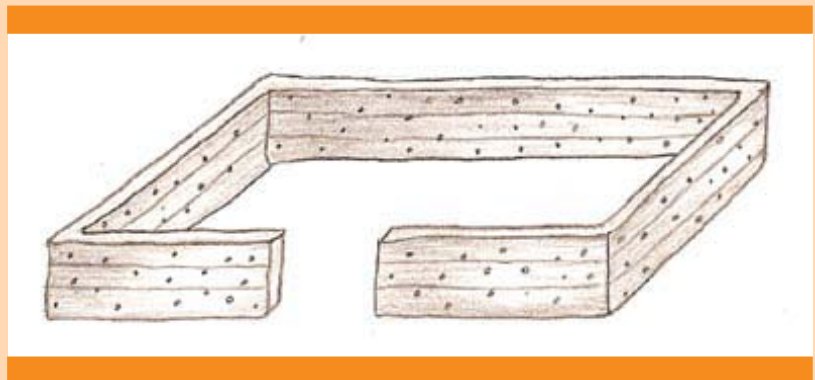


-se o barro muito abundante nestas paragens e faziam-se as paredes em taipa. Para o efeito limpava-se o local, normalmente uma encosta pouco inclinada, fazia-se um pequeno alicerce e colocavam-se moldes de madeira (taipais) para segurar a “lama” enquanto estava fresca.

decida, o mais importante era o aperto que se lhe dava com os paus, conforme referem os mais velhos. Iam adicionando mais material e batendo lentamente como se se tratasse de um pilão.



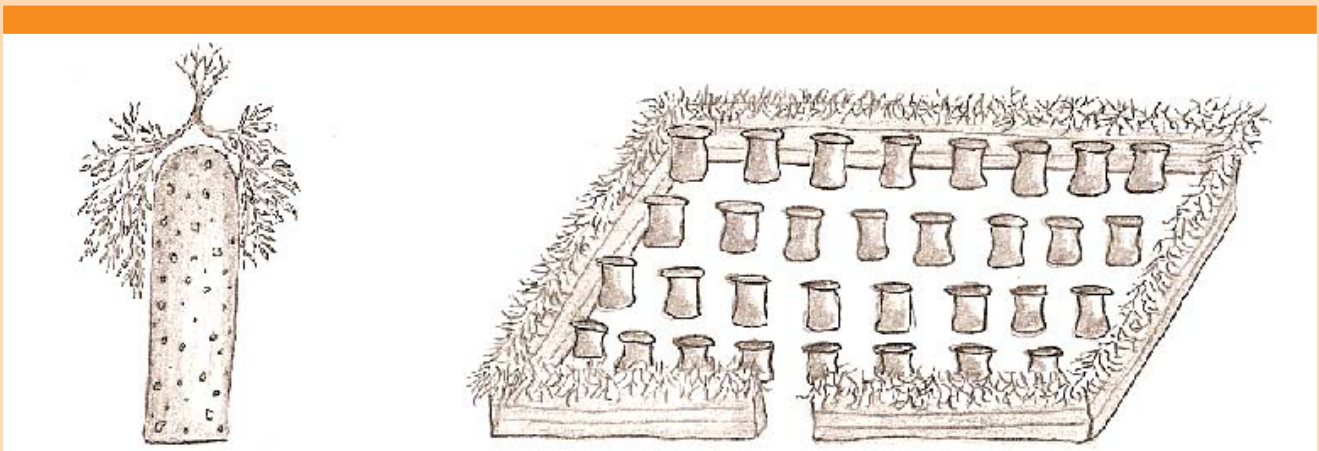
O muro tinha sempre uma forma quadrada ou rectangular, com cerca de 20 x 20m ou 25 x 25m e uma altura de 1,5m.



Deixavam-lhe uma abertura mais ou menos estreita para acesso ao interior e que tapavam com uma porta rudimentar, normalmente feita de ramalhos de azinho e mato.

Um dos aspectos mais curiosos tinha a ver com a protecção das paredes de taipa contra a chuva. Como estes materiais eram muito friáveis, depois de um Inverno as paredes desprotegidas por cima muito rapidamente se desgastavam, o que obrigaria a frequentes tra-

balhos de reparo. Para evitar esta situação arrancavam-se Estevas verdes, abria-se-lhe a ramagem e eram colocadas sobre o muro com as raízes para cima, de modo que a água da chuva escorresse pelo arbusto e não danificasse a parede. Isto era feito a toda a extensão da parede de taipa, desta forma duravam muitos anos sem precisarem de concertos importantes. Essas estevas que eram substituídas anualmente.



Estes recintos, por vezes tinham três ou quatro socalcos baixos e pouco nítidos onde o apicultor dispunha filas paralelas de lajes de xisto, sobre as quais assentavam então os cortiços.

As visitas aos apiários eram mais frequentes consoante os trabalhos agrícolas sazonais obrigavam a estadias mais ou menos prolongadas na proximidade das colmeias. Fora isso, os apicultores poucas mais vezes lá iam que as necessárias para capturar novos enxames e fazerem a cresta. Até porque a sanidade apícola nunca tinha grandes novidades, as colónias só pereciam com fome ou sem rainha, e nessa altura a traça tomava conta do resto. Era ainda cedo para se ouvir falar em Loque Americana ou na Varroose.

De qualquer forma, quando os cortiços “morriam” infestado de traça, era normal o apicultor colocá-los nos fornos onde cozia o

pão e dar-lhes o calor necessário para destruir esta moléstia.

Era uma vida pacata a de “apicultor da antiguidade”, ouvi falar de um caso nesta localidade, onde o apicultor tinha um certo receio das abelhas e pouco se aproximava do muro, era antes a esposa que desempenhava as funções de “abelheira”. Ao que parece, as vezes que o marido lá ia, era para retirar umas garrafas de aguardente que escondia nos troncos das árvores, pois com a proximidade das abelhas não tinha de recear que alguém lhas roubasse...

Dos muros em taipa, pouco mais resta que pequenas saliências de terra em forma quadrangular, a falta de protecção e reparos levou á sua quase total erosão. Até há cerca de três anos, um deles ainda estava activo, albergava um apiário com mais de 50 cortiços, no entanto, também este já foi desactivado.





“ESTÓRIAS” DA APICULTURA, para rir e sorrir...

Por Joaquim Pifano

Ao contrário do que vos tenho habituado, desta vez não trago uma conversa cinzenta sobre a apicultura, sector que também nos dá muitos motivos para rir, mas desta vez com um riso saudável...

Por isso vou contar-vos sete histórias de entre muitas que tenho coleccionado nos anos de técnico de apicultura:

1. PARA CAPTURAR ENXAMES I

Há muitos anos atrás, ainda eu andava fora destas lides apícolas, quando um apicultor amigo me instruiu sobre a arte de capturar enxames. Contou-me em grande segredo os ingredientes e a técnica de borrifar os cortiços com a mistela mágica para atrair abelhas.

Jurou-me a pés juntos que a técnica era infalível, ainda no ano anterior capturara mais de vinte. O segredo da mistura era simples, urina de adolescente virgem! Imaginem!!! Ele próprio andava a guardar o orgânico líquido dos filhos, uma vez que se aproximava a Primavera.

Fiquei maravilhado com tal revelação. Nunca

me passara pela cabeça que a castidade influenciasse tanto as abelhas, mas lá encaixei mais esse conhecimento.

Alguns dias mais tarde, noite escura, quando regressava a casa, encontrei por acaso a filha do dito apicultor. Vinha com o namorado, vinham dum local muito usado pelos jovens da terra para os “voos nupciais”.

Já devem calcular o fim da história..., no entanto fiquei tranquilo, ainda bem que os espanhóis comercializam o perfume de Aristeu, o conhecido atractivo de abelhas, pois à conta daquela filha ele nunca mais apanharia enxames.

2. PARA CAPTURAR ENXAMES II

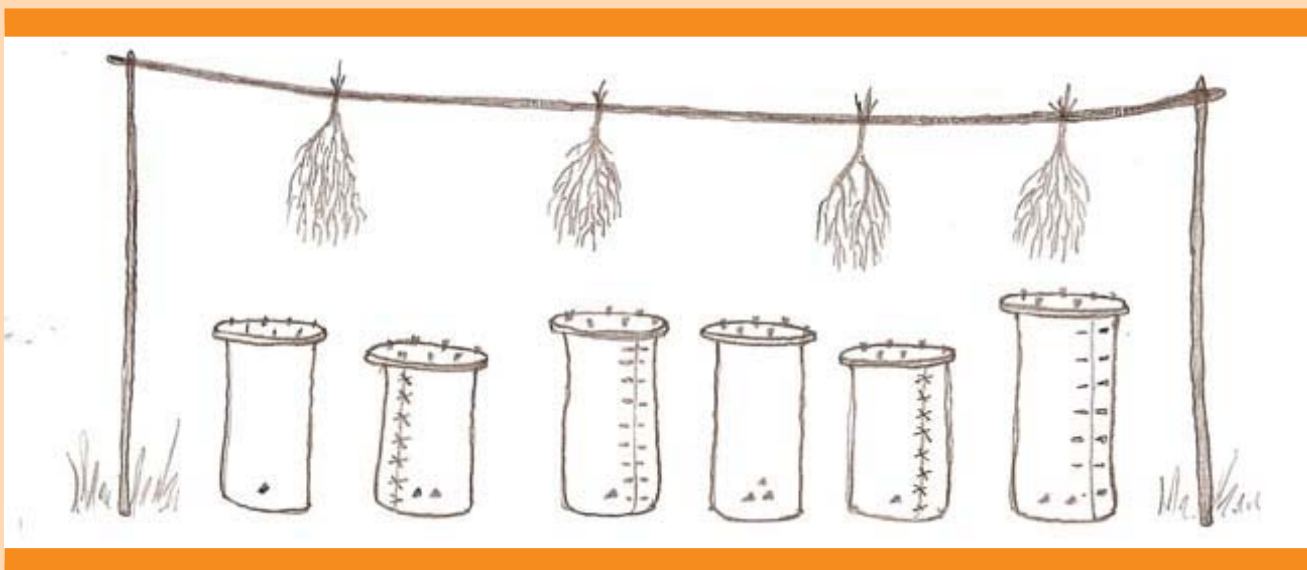
Tal como já foi dito, os episódios da captura de enxames são os mais ricos em fantasia de todo o folclore apícola.

Uma vez deparei com uma decoração no mínimo estranha, frente a um grupo de colmeias, paus com cerca de dois metros espetados no chão e ligados por fios. Parecia um estendal da roupa. Só que em vez da “barrela” semanal, estavam pendurados pelas raízes vários arbustos de carqueja. Explicou-me então o apicultor que tinha por hábito esse procedimento nos apiários onde não havia árvores próximas. Os enxames quando saíam penduravam-se na carqueja, e ele colhia-os como fruta madura.

Na minha terra, tal como em muitos outros locais, havia o hábito de atirar terra ou areia ao ar

sempre que passava um enxame a voar. Tal artifício destinava-se a obrigá-lo a pousar para ser capturado. Conta um amigo meu, que numa bela tarde foi sobrevoado por um enxame de grandes dimensões. Estava no campo e não lhe foi difícil encontrar terra para atirar às abelhas.

Era suposto existir uma árvore ou arbusto por perto para as abelhas pousarem, (ou um estendal de carquejas). Mas como descurou este pormenor viu-se em poucos segundos coberto com largos milhares de abelhas, que não encontrando pouso mais conveniente em redor o usaram como “poleiro”. Foi o cabo dos trabalhos para se ver livre de tal carga, mas tudo acabou em bem e lá aumentou o efectivo apícola.



Contou-me um apicultor a forma curiosa como há muitas décadas atrás um familiar seu capturou e transportou dois enxames.

O seu bisavô, capataz numa grande herdade, regressava a casa montado num soberbo cavalo. A determinada altura o cavaleiro encontra um grande enxame pousado num arbusto. Como apicultor aficcionado que era não quis perder a almejada presa, apesar de não ter uma caixa, cortiço ou saco para transportar as abelhas. Resolveu na mesma o problema, com muito cuidado quebrou o ramo do arbusto, e transportou o enxame aí pousado.

Uns quilómetros mais adiante novo enxame o aguardava, como ainda tinha um braço disponível trouxe-o também.

E assim ia ele, montado no cavalo de rédeas livres, os dois braços abertos e com um pau carregado de abelhas em cada um. Já perto de casa, nova peripécia surgiu, cansado de levar os braços abertos deixa-os descair e as abelhas com as oscilações da montada, começam a subir pela vara e pelo braço acima.

Umás horas depois deu entrada no portão do monte montado no cavalo e com um enxame de abelhas debaixo de cada braço...

3. CRIAÇÃO DE RAINHAS EM DEZ MINUTOS

Certa vez, visitei um apicultor que me tinha contactado para o ajudar a juntar duas colónias. Ele optara por este procedimento porque uma delas teria ficado órfã numa fase do ano em que seria infrutífero, ou pelo menos muito difícil, criar outra rainha.

Cheguei ao local, verifiquei as condições de trabalho, e pareceu-me estar tudo em ordem para a operação. É então que reparo num pormenor que poderia resultar numa situação divertida e simultaneamente resolver o problema ao apicultor.

Chamei-o e disse-lhe: – Olhe, não há necessidade de juntarmos as colónias. Desta vez sem exemplo, eu vou-lhe “criar” uma rainha rápida para a colmeia órfã. Mas peço-lhe por favor que não ensine este truque a ninguém...

O apicultor, estupefacto, olhava muito sério para mim, – e como vai fazer isso? É possível? – Desta vez é, – respondi eu, tentando ficar com um ar sério.

Retirei o tampo e a prancheta da colmeia órfã, coloquei uma folha de jornal por cima, e finalmente uma alça sobre o conjunto, borrifei tudo com água açucarada.

O apicultor seguia atentamente cada um dos meus movimentos. E o final em grande, virei-me e retirei de uma oliveira atrás de mim, um pequeno enxame de abelhas extemporâneo e coloquei-o na alça sobre o jornal, tapei tudo com a prancheta e o tampo.

O apicultor, muito admirado disse: – desta é que eu não estava à espera. Nem respondi, contou-me ele mais tarde que o “enxerto” tinha funcionado.

4. COLMEIAS COM VÁRIAS RAINHAS

Depois de tanto falar nos outros... chegou a minha vez, também tenho telhados de vidro. A história passou-se há quase dez anos, no primeiro enxame que eu capturei.

Resolvi seguir os conselhos do Sr. Leonel Belchior, publicados n' O Apicultor, sobre a tendência dos enxames migrarem para as regiões onde a floração está mais atrasada. E de facto resultou, em menos de três dias tinha um cortiço povoado. Foi uma excitação enorme transferir aquela massa de insectos para dentro de um núcleo, eu tremia que nem uma vara verde. Consegui enfiá-las na caixa à terceira tentativa, nas primeiras duas caíram quase todas ao chão. Mesmo assim ficaram muitas cá fora e receei que voltassem a fugir.

Dos fracos conhecimentos que tinha, recordei-me que se a rainha estivesse na colmeia todas as outras entrariam, só que eu nunca tinha visto uma

rainha. Mas como a sorte ajuda os principiantes, imediatamente a vi pousada num ramo. Com todo o cuidado coloquei-a no núcleo. Logo de seguida vi mais duas cá fora, não há que desanimar e com a ajuda de um pauzinho consegui repatriá-las. Nos minutos seguintes ainda vi mais algumas e consegui capturar mais duas, pensei então que com cinco rainhas o trabalho estava perfeito.

Saí dali para deixar que as restantes obreiras (e eventualmente rainhas) entrassem na colmeia e mais tarde a levar para o apiário.

Horas mais tarde, fui buscar a colmeia com um amigo, apicultor recente como eu, contei-lhe a peripécia das rainhas e ele ficou curioso em vê-las. Nada mais fácil, procurei nas redondezas e lá encontrei mais uma, e o Nelson deu-me os parabéns por ter enfiado meia dúzia de zangãos no meu primeiro enxame!!!

5. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL I

A alimentação artificial é um dos assuntos mais controversos entre os apicultores mais idosos (para não falar dos mais novos...). Têm sempre umas ideias muito próprias, com segredos e mesinhas já de várias gerações e dos quais raramente abdicam. O vinho e outras bebidas alcoólicas são sempre as preferidas para a alimentação das abelhas.

Uma vez visitei um apicultor idoso, uma visita de rotina só para avaliar o desenvolvimento das colónias. Correu tudo dentro da normalidade até eu lhe chamar a atenção para um aspecto curioso do seu apiário. Tratava-se de um canal comprido feito com telhas e que estava frente às colmeias. Respondeu-me que era onde colocava o alimento para as abelhas. Expliquei-lhe o inconveniente dos

alimentadores artificiais face à possibilidade de fomentarem a pilhagem, o que ele percebeu.

Contou-me o segredo da sua alimentação artificial, uma panela ao lume, cervejas fora da validade, açúcar, vinho quando o há, maçãs; pêras; figos e laranjas. Ia eu tomando nota da receita quando o apicultor muito atrapalhado, me chamou a atenção, “— está a escrever isso? Então diga aí que as laranjas devem ir sem casca, primeiro eu não a tirava e o xarope amargava muito...”

Uma vez recebi a visita deste apicultor que queria à viva força uma licença de “espancamento” abelharucos... percebi mais tarde que o ICN em tempos passava licenças para espantar as ditas aves, foi um problema de dislexia.



6. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL II

Desta vez foi um formando que me confessou que alimentava as abelhas com gelados fora da validade, caixas de *Cornettos* e *Pernas de Pau da*

Olá... Ele tinha uma pequena loja onde vendia estes artigos. E a vida sorri ...

7. ALIMENTAÇÃO ARTIFICIAL III

O Inverno de 2003 foi extremamente duro nesta parte do Alentejo, morreram muitas colmeias com falta de reservas, doenças e nalguns casos por falta de rainha. Os apicultores queixavam-se pelas mais variadas razões. Uma tarde, estava eu num desses grupos de apicultores a tentar encontrar forma para minimizar os danos causados por essa invernada. Quando acabou a reunião, todos foram saindo, acabando por ficar para o fim um apicultor recente, rapaz reservado mas muito interessado nas abelhas.

Percebi logo que vinha aí uma confissão importante, e não me enganei..., disse-me então, que ouvira atentamente os relatos dos demais presentes, mas tinha ficado calado para não ferir susceptibilidades. “ – Olhe, pois cá a mim não me morreu uma única colmeia durante o Inverno, deilhe um alimento que não admite falhas”. Conte-me lá então a receita milagrosa, se não for segredo – pedi-lhe eu. “É simples, cozi um pouco de feijão branco com açúcar amarelo, vinho tinto e feijão preto” achei graça à referência das cores dos alimentos, “finalmente coloquei a massa no apiário em pequenas manjedouras feitas de canas rachadas, em cima de forcas de Esteva” Fiquei maravilhado com tal revelação. “Graças a esse alimento, não me morreu uma colmeia...”.



Não é incorrecto o facto de se dar massa de feijão às abelhas, no fundo é uma fonte proteica tal como a soja ou o pólen, mas graciei com ele pelo facto de as abelhas “comerem” tanto feijão. Espero que não faça muito uso do fumigador ou qualquer dia o apiário vai pelos ares com uma explosão.



Fica apenas a nota de que tenho um imenso respeito, carinho e cumplicidade com as personagens sobre as quais me referi neste escrito, aprendi bastante com eles.



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA

PLANO DE FORMAÇÃO - 2007

Destinado a Técnicos Agrícolas

ACÇÃO DE FORMAÇÃO	N.º Horas	Local de Realização	Período de Realização (*)	Destinatários	Condições Necessárias
PRODUÇÃO INTEGRADA DE HORTÍCOLAS - FAMÍLIA DAS SOLANÁCEAS	162	VILA REAL	11 JUNHO A 31 JULHO	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PRODUÇÃO INTEG. DE HORTÍCOLAS - FAMÍLIA DAS ROSÁCEAS	39	COIMBRA	15 JUNHO A 2 JULHO	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PRODUÇÃO INTEGRADA DA VINHA	140	BRAGA	21 JUNHO A 14 SETEMB.	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
SEMINÁRIO "NOVO QUADRO COMUNITÁRIO - PDR 2007-2013"	10	VILA NOVA DE GAIA	29 E 30 DE JUNHO	Dirigentes/Técnicos	Escolaridade Min. Obrig
POTENCIALIDADES DOS RECURSOS NATURAIS NO MUNDO RURAL	60	COIMBRA	JUNHO/JULHO	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PLANEAMENTO DA EMPRESA AGRÍCOLA	70	COIMBRA	2 JULHO A 26 JULHO	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PRODUÇÃO INTEG. DE HORTÍCOLAS - FAMÍLIA DAS CUCURBITÁCEAS	39	COIMBRA	9 A 27 DE JULHO	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PRODUÇÃO INTEGRADA DE HORTÍCOLAS - FAMÍLIA DAS APIÁCEAS	39	COIMBRA	A DESIGNAR	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA - ARCGIS	60	COIMBRA	A DESIGNAR	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
CONTROLO DA GESTÃO AGRÍCOLA	35	COIMBRA	A DESIGNAR	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados
PRODUÇÃO INTEGRADA DE HORTÍCOLAS - FAMÍLIA DAS LILIÁCEAS	39	COIMBRA	A DESIGNAR	Técnicos	Agentes técnicos/equiparados, Bacharéis/Licenciados

(*) sujeito a confirmação

NOTA: AS FICHAS DE INSCRIÇÃO DEVEM SER ENVIADAS ATÉ 15 DIAS ANTES DO INÍCIO DA ACÇÃO, ACOMPANHADAS DE CURRÍCULUM E RESPECTIVOS DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS.

INSCRIÇÕES:



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA - CNA

RUA DO BRASIL, 155 - 3030 - 175 COIMBRA



239 70 89 60



E-mail: form.profissional@cna.pt

Url: www.cna.pt



239 71 53 70



Ministério da Agricultura,
do Desenvolvimento Rural
e das Pescas





Por Vanda Santos

Delegação da CNA reúne com o Gabinete da Comissária da Agricultura, em Bruxelas, com o (anti) PDR Português no centro das preocupações

O Programa de Desenvolvimento Rural (PDR) Português está entregue à Direcção Geral da Agricultura (DG-AGRI) da Comissão Europeia para análise. A apreciação final aguarda ainda a decisão do Governo Português sobre a aplicação da modulação voluntária, que deve ser dada até dia 12 de Junho (apesar de já se ouvir nos últimos dias falar de modulação na ordem dos 10%, para quem receba ajudas superiores a 5 000 €...)

A CNA, como é sabido, já tomou diversas posições públicas sobre este PDR (que mais parece um anti-PDR...), tecendo várias críticas e mostrando sérias preocupações, nomeadamente no que respeita às medidas Agro-ambientais.

Este foi aliás a grande questão central que moveu a CNA a pedir um Encontro com o Gabinete da Comissária Europeia da Agricultura, Mariann Fischer Böel, que teve lugar no dia 4 de Junho, em Bruxelas.

A CNA alertou o Gabinete da Comissária para o que considera ser uma redução extrema e injustificável das medidas agro-ambientais e, mais grave ainda, uma alteração da sua natureza (substituição da lógica ambiental pela

lógica de comercialização) consagradas no PDR Português.

Para além desta questão fundamental trocaram-se ainda algumas informações e opiniões sobre as reformas das Organizações comuns de mercado do vinho e das frutas e legumes, que decorrem neste momento e serão, em princípio, finalizadas durante a Presidência Portuguesa da União Europeia.

No que respeita ao vinho, a proposta final da Comissão será apresentada a 4 de Julho, sendo certo que contemplará o fim da destilação de crise e a proposta de arranque de 200 000ha (não obrigatório), bem como o fim dos direitos de plantação a partir de 2010, aliás já consagrado em Regulamento. Foi-nos ainda dito que, há pressões fortes para que a permissão de importação de mostos de países terceiros avance (em função das negociações na OMC), pelo que será difícil impedi-lo, ainda que essa seja a vontade da própria Comissária.

Quanto às frutas e legumes haverá, em princípio, um acordo político em Estrasburgo, durante o Conselho Agrícola de 11 e 12 de Junho.

A representar a CNA estiveram João Dinis e Vanda Santos.

Encontro mensal na REPER

Aproveitando a estada em Bruxelas, os representantes da CNA participaram também no Encontro mensal das Organizações Agrícolas com a REPER (Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia), a anteceder o Conselho Agrícola.

A reforma da OCM Frutas e Legumes, a constituição de uma OCM única, e a condicionalidade foram os principais assuntos em análise.

Audição sobre a OCM do Vinho na AR

No passado dia 24 Maio, a Convite da Sub-Comissão de Agricultura da AR, a CNA participou numa Audição sobre a Reforma da Organização Comum de Mercado (OCM) do Sector Vitivinícola, que teve a presença da Sr.^a Comissária Europeia da Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Na sua intervenção, efectuada por Joaquim Caçoete, a CNA mais uma vez referiu, que a proposta de reforma envolve um conjunto de medidas contraditórias, que não resolvem a crise do sector.

Recorda-se que a proposta da Comissão Europeia, envolve o fim da destilação de vinhos com o objectivo de eliminar excedentes, ao mesmo tempo que permite a importação de mostos de países terceiros, prevê o arranque de 200.000 ha de vinha na UE, ao mesmo tempo que acaba com os direitos de plantio.

A CNA considera que esta reforma, a ir por diante, apenas ira promover a concentração da produção, beneficiar as grandes empresas de

comercialização de bebidas e desregulamentar o mercado dos vinhos.

Pela CNA, esteve ainda presente Avelino Antunes.



CNA marca presença em várias Feiras de Agricultura

A CNA marcou presença em várias feiras de agricultura no decorrer do mês de Maio e Junho.

A primeira delas foi a Ovibeja que decorreu entre 28 de Abril e 6 de Maio, seguiu-se a Feira do Campo Alentejano, nos dias 25 a 27 de Maio e por último, a Feira Nacional de Agricultura em Santarém de 2 a 10 de Junho.

Em ambas as feiras a CNA contou com a preciosa colaboração das suas Associadas locais.

Esta participação, serviu, essencialmente, para a CNA divulgar a sua actividade e os seus posicionamentos, sobre as várias questões, que de momento, se colocam ao sector.

Questões como a do novo Programa de Desenvolvimento Rural, a

proposta da Comissão Europeia para a reforma da OCM do Vinho e da Vinha, as prestações dos Agricultores para a Segurança Social, o encerramento dos Serviços Públicos no interior de Portugal, foram alguns dos temas que mereceram a atenção.

A CNA irá ainda participar, no decorrer do mês de Junho, na Feira das actividades económicas de Figueiró dos Vinhos, que se realizará entre os dias 22 e 24 de Junho.





NACIONAIS

Dia 4 de Maio



Reunião da Assembleia Geral da AIFO – Associação Interprofissional da Fileira Olivícola.

Roberto Mileu representou a CNA.

Dia 7 de Maio

Audiência, a pedido da CNA, com o PSD – Partido Social Democrata, que se fez representar pelo Dr. Arlindo Cunha.

Pela CNA, estiveram Amândio Freitas, João Dinis e João Vieira.

Dia 7 de Maio

Reunião das Confederações de Agricultura com o Conselho Directivo do IFAP e com o Secretário de Estado Dr. Luís Vieira, para acompanhamento da Campanha de Recepção das Candidaturas.

Pela CNA, estiveram Alfredo Campos e Armando Carvalho.

Dia 10 de Maio

Reunião do Observatório dos Mercados Agrícolas.

A CNA fez-se representar por João Dinis.

Dia 10 de Maio

Conferência: “Uma Reflexão sobre o Sector Florestal”, que decorreu na Casa de Seralves, no Porto.

Pela CNA esteve Ana Telma Girão.

Dia 15 de Maio

Reunião da Direcção e Assembleia Geral da ALIP – Associação para o Laboratório Interprofissional do Sector do Leite e Lacticínios.

Pela CNA esteve Albino Silva.

Dia 15 de Maio

Reunião Conselho Fiscal da ALIP.

Pela CNA esteve José Miguel Pacheco.

Dia 20 de Maio

Tomada de Posse dos Órgãos Sociais da CNA.



Dia 21 de Maio

Audiência, a pedido da CNA, com a Presidência da República, representada pelo Eng^o Sevinate Pinto.

Estiveram na referida audiência, pela CNA, João Vieira, Alfredo Campos, Joaquim Manuel Lopes.

Dia 21 de Maio

Reunião das Confederações de Agricultura, com Conselho Directivo do IFAP. O objectivo desta reunião foi o de acompanhar a Campanha de Recepção das Candidaturas.

Pela CNA esteve Alfredo Campos e Lucinda Pinto.

Dia 29 de Maio

Conferência “Comércio Justo”: mais do que uma perspectiva Norte/Sul. Organizada pelo MO DE VIDA, com o apoio da Câmara Municipal do Seixal.

Joaquim Manuel Lopes interveio pela CNA.



FICHA TÉCNICA

Editor: Confederação Nacional da Agricultura – CNA • Morada: Rua do Brasil, 155 – 3030-175 COIMBRA • Telefone: 00351 239 70 89 60
Fax: 00351 239 71 53 70 • E-mail: cna@cna.pt • URL: www.cna.pt • Director: João Dinis • Coordenador dos Serviços Agro-Rurais: Roberto Mileu • Coordenador Executivo: José Miguel • Fotos: Arquivo da CNA • Redactores do Caderno Técnico: Joaquim Pífano • Colaboradores neste número: Cristina Branco e Vanda Santos • Periodicidade: Bimestral • Tiragem: 10 000 exemplares • Depósito legal: 180302/02
• Composição, Fotolitos e Impressão: AT-Loja Gráfica